

Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Pedro Seiler e Felipe Continentino

Olá, sou Pedro Seiler, fundador do Queremos!. Olá, sou Felipe Continentino, também fundador do Queremos!. Bom, o Queremos! está no seu décimo-primeiro ano, enfrentando um momento muito diferente. Um ano e meio sem shows. Mas, há 11 anos atrás, a gente se juntou e se uniu para fazer shows que não aconteciam no Brasil, ou no Rio de Janeiro, acontecerem de uma forma colaborativa. A gente começou a juntar pessoas que tinham interesse em determinados shows e em determinados artistas, e começamos a fazer um *crowdfunding* para trazer esses artistas para o Rio. A partir daí, a gente começou a comprovar uma teoria de que existia um mercado, de que existia um interesse por uma boa parcela das pessoas do Rio de Janeiro de assistirem a determinados shows que nenhum produtor, ou estava interessado ou sabia que existia essa demanda. Foi assim que a gente começou a produzir shows em sequência. Começamos a produzir cada vez mais shows no Rio de Janeiro e, a partir daí, essa ideia de realizar sonhos foi aumentando. Levamos o projeto para Belo Horizonte, depois para Porto Alegre, depois para São Paulo e, há três anos atrás, realizamos o nosso festival no Rio de Janeiro, onde todas essas tribos se encontram numa grande festa. O festival teve duas edições e, ano que vem, se tudo correr bem, vai ter a sua terceira.

De lá para cá, nesses 11 anos, foram mais de 350 shows, realizados nessas quatro cidades. É um festival anual, na Marina da Glória, no Rio, com 14 horas de festival, 12 artistas presentes entre internacionais e nacionais. Alguns nomes, Pedro, você pode citar melhor, que a gente trouxe ao longo desse ano para o festival e para os shows. Tivemos, recentemente, o BayanaSystem, Gal Costa, Criolo, Baco Exu do Blues, Father John Misty, Animal Collective, muitos shows bacanas. E os últimos shows que a gente fez antes da pandemia, Kamasi Washington, Aurora, Hiatus Kaiyote, The Internet. Mas teve também Alabama Shakes, Primal Scream, Chemical Brothers, LCD Soundsystem, The XX, Belle And Sebastian, Wilcol. A lista é muito boa de se lembrar. Acho que muita gente teve a sorte de participar de momentos muito especiais nos shows. E o curioso, então, desta trajetória, foi, que ao completar dez anos, no final do ano passado, ou seja, já, aí há sete, oito meses sem shows, a gente tinha toda uma previsão de lançar a segunda edição do nosso livro. Quando fizemos cinco anos, criamos uma edição, posters e histórias de cada um dos shows. A gente estava com essa segunda edição preparada, íamos fazer uma festa, íamos fazer o lançamento do livro, e, também, ia começar uma série de outras ações, onde a gente entendia que eram passos óbvios do Queremos!. Seguir, onde a gente ainda estava, nesses dez anos para trás, consolidando o calendário de shows no Rio de Janeiro que era o nosso primeiro objetivo,

expandindo esse calendário de shows para outras cidades, e abrindo as portas para o festival e consolidando esse festival.

Dentro da pandemia, a gente antecipou um pouco alguns dos planos que davam, e transformamos o site do Queremos! que, até então, funcionava basicamente para vender os ingressos dos shows e para fazer o engajamento do que a gente tem desde o começo do Queremos!: perguntamos para as pessoas o que elas querem ouvir e aonde. E, a partir desses dados, a gente tenta entender um pouquinho o que as pessoas estão ouvindo, aonde elas estão ouvindo, o que elas gostariam de trazer, o que elas gostariam que a gente se empenhasse aqui, por elas e com elas, para realizar. Então, o site passou por uma boa transformação, e passou a ser o ponto de encontro mesmo de conteúdos, de uma série de diferentes conteúdos voltados para a música. Desde produções audiovisuais, que a gente está envolvido diretamente, a dicas, lançamentos, notícias, vídeos. Enfim, um lugar para quem gosta de música se informar e não perder o hábito de entrar no Queremos!, enquanto os shows não voltam. Então, aí, mais uma abertura de portas que a gente tem feito, para abrir portas para artistas se apresentarem ali dentro. Quando a gente fala das músicas, a gente tem um podcast, tem as nossos playlists, temos os vídeos que a gente produz nos shows ou em outros momentos para divulgar os artistas do nosso trabalho. Acho que esse foi um momento interessante desses dez anos e de uma ampliação da nossa atuação para além dos palcos.

Bem, shows ao vivo, festivais, foram dos setores mais impactados pela pandemia. Acho que foi um momento, continua sendo. Ainda na verdade, a gente não consegue nem ver muito bem os shows, os festivais voltando nos Estados Unidos e na Europa, mas o impacto disso foi absurdo. Tivemos tantas pessoas desempregadas, os artistas sem ter fontes de receita. Pessoas que trabalham na produção e as produtoras precisando se reinventar. E, aí, eu acho que tiveram momentos diferentes ao longo desse um ano e meio de pandemia. Acho que num primeiro momento, apesar da tristeza, apesar do baque, houve um desejo muito grande de criar coisas novas. Eu acho que tem muitos projetos que aconteceram ao longo mais do primeiro semestre e do segundo semestre do ano passado, de 2020, que foram grandes feitos. Mas, a nossa percepção aqui, e o Pedro pode falar um pouco mais sobre isso, é de que nada, de fato, se sustentou como uma alternativa no mercado, ou se consolidou como algo que vá ficar, que vá substituir, ou que vá modificar a experiência de shows e festivais. Eu acho que os shows e festivais vão ser híbridos, no sentido de expandir o alcance que as redes têm, mas não acredito que shows virtuais ou em 3D vão ser coisas que irão funcionar para a maior parte dos artistas, para a maior parte dos festivais, e também não serão, única e exclusivamente, o que artistas vão fazer. Eu acho que o que a gente está sentindo, até por essa ansiedade do público, do mercado e dos artistas com a volta, é que o encontro é insubstituível. A energia, o 'ao vivo', você está

participando daquele momento junto, especialmente, no festival, quando você proporciona encontro de mais gente, por mais tempo, mais diverso, então acho que quando se puder voltar, vai ser uma catarse coletiva, e o que o Felipe mencionou: as lives tiveram um *boom*, foi uma coisa importante, até para a sanidade, para a parte psicológica do público e dos artistas. Mas, rapidamente, esses números caíram muito, não foi uma coisa que se sustentou. Pelo excesso de telas, pela dificuldade de ter um bom som, um bom áudio, como artistas trabalham a questão de agenda e de território, como as produtoras começam a fazer, também, eventos diferentes. Se antes, uma produtora fazia um show em Natal, outra no Rio, a outra em São Paulo, e alguns artistas se repetiam, isso não era um problema. Mas, quando três produtoras diferentes, que têm trabalho ou segmento de público e de artistas semelhantes, trazem o mesmo artista numa live, você tem um outro impacto. Isso banaliza a imagem do artista também. O impacto é gigantesco em todos os setores atrelados. Acho que é a importância que o entretenimento, que a cultura tem, ainda mais num país como o Brasil, que é tão rico dentro desse setor. Eu acho que é isso, como o Pedro falou, a volta, a experiência que já era algo tão importante antes, o gasto, o investimento em experiências, em viagens atreladas a shows e festivais, acho que na volta, vai ser ainda muito maior e melhor.

Na nossa percepção, a maioria dos festivais brasileiros investiram no formato online em 2020, de alguma maneira, tentando ficar mais abrangente com seu público, não só da sua cidade, mas do seu estado, mas para aumentar a sua área de atuação. Em 2021, caiu muito essa quantidade de eventos online. Acho que vários esperaram para poder saber se poderiam realizar sua edição esse ano, mas já estamos vendo que não vão conseguir, aquela volta vai ser em 2022 mesmo e, por isso, resolveram não fazer digital. Teve o desgaste do formato mesmo, e não só do formato para o público, mas o próprio formato financeiro, das marcas, de quantas marcas viam investimento nesse formato no retorno. E como uma produtora, que está acostumada a gerar receita de bar, gerar receita com venda de ingresso, também como que ela faz isso funcionar. Viram que o digital, realmente, não conseguiu, isso é uma coisa que vende ingresso, ou, pelo menos, com um preço minimamente relevante, a não ser grandes festivais, e que puderam experimentar coisas muito incríveis, como o Tomorrowland, que fez um investimento gigantesco, com todo o universo em 3D, alguns artistas fizeram shows dentro de plataformas de videogame. Mas voltando a falar um pouco do que a gente tinha falado, acho que são eventos esporádicos, são únicos, eles não representam um novo formato para o mercado se adaptar e se engajar, pelo menos, da nossa percepção. Tenho visto que em 2021 houve uma queda, realmente, no volume de festivais ou de eventos que se mantiveram online. E, na volta, a gente acredita que a parte de experiência vai ser uma coisa ainda mais importante. Um evento não pode não pensar muito além só das suas atrações.

Então, toda a experiência do público, horários, filas de banheiro, gastronomia, isso aí vai ser cada vez mais fundamental para o público curtir e querer escolher determinado festival para ir. E as próprias marcas também pensarem de uma maneira muito mais interessante as ativações, os espaços e como proporcionar, realmente, a melhor volta possível, a melhor experiência e as lembranças dessas memórias.

Agora, eu acho que um outro ponto interessante é que as pessoas cansaram um pouco da quantidade de tempo que elas estão gastando nas telas, ao longo de um ano e meio. Então, o engajamento, seja na nossa plataforma, seja nas nossas redes sociais, e um pouco do que a gente acompanhou também nas lives, nas apresentações, nos lançamentos online, é que, realmente, você começou a ver um público que não estava mais aguentando, nem mesmo, essa demanda menor de 2021. Então, todos os números, todo mundo cansado, acho que procurando resguardar a cabeça e ter mais tempo fora das telas.

O momento para o artista independente é muito interessante. Principalmente, no Brasil, a gente está vendo a entrada de vários *players* novos no mercado, distribuidoras digitais - cada um trabalhando à sua maneira - as gravadoras, de novo, super capitalizadas, investindo em artistas. Com novas facilidades de gravação, também, você tem acesso, muito rapidamente, à tecnologia e a gravações. Então, muitos artistas legais lançando o trabalho e aparecendo. Por outro lado, como a gente sempre falou, o artista precisa do público, precisa do palco. Então, vão ser dois anos sem esses artistas poderem excursionar, tocando para casas pequenas ou médias, em várias cidades do Brasil, estando só virtualmente ligados ao seu público. A gente acha que no ano que vem, vamos ter três anos de lançamento na rua, sendo mostrado ao vivo no mesmo ano. Vai ser um momento bem interessante de ver essa quantidade de artistas tocando, tendo contato com o seu público, mostrando o seu trabalho. Infelizmente, várias casas de show fecharam, então, vai ter que ter também essa adequação. O Brasil não tem tantos espaços pequenos e médios, onde os artistas independentes tocam. Alguns festivais independentes também estão sofrendo, por conta das leis de incentivo que o governo não tem sido muito parceiro sobre o tema, mas eu acredito que o mercado vai se regular e ter espaço para todo mundo. Vai ser um momento bem legal para os artistas.

E acho que, também, com esse problema todo que é de financiamento, como os artistas poderiam sobreviver a esse um ano e meio sem shows, deixaram um pouco os artistas mais abertos a formatos de financiamento, a plataformas de financiamento e de engajamento com o público. Acho que outros setores da economia criativa se beneficiam e se jogam mais. Você vê muitos artistas usando mais plataformas que trabalham essa questão de pagamentos recorrentes ou de *crowdfunding* para lançar discos, ou criando outros projetos, pensando para além

da produção da música, para conseguir trabalhar nisso de uma forma diferente com o público, com marca, e também com essa própria ideia de fazer um *crowdfunding* para conseguir levantar uma verba para entregar algo de volta. Eu espero, nesse sentido, que os artistas musicais consigam aproveitar essa oportunidade e navegar um pouco mais dentro das relações diretas que eles podem ter com seus fãs, sendo trabalhar a parte de divulgação, de rede, comunidade e também da parte financeira.

Bom, e sobre a tão sonhada volta, como se planejar para essa volta? Acho que é um tema que tem muito mais perguntas do que respostas. A gente, aqui, não acredita que eventos e festivais possam voltar na sua capacidade plena antes do início do ano que vem, 2022. Acho que alguns festivais já estão começando a marcar data para o ano que vem, anunciar data, começar a vender ingresso. Mas eu acho que existe uma questão muito complexa ainda de entender, justamente, como que cidades, como que estados, vão determinar os protocolos necessários para que esses eventos aconteçam - se é que vão ter protocolos. E, uma vez que tenha protocolos, quais são os custos desses protocolos, como que os produtores e como que o público vão absorver esses custos para que todo mundo esteja seguro. O cenário ideal é aquele que o coronavírus foi embora, pelo menos, praticamente cem por cento, e não vai ser necessário ter nenhum tipo de protocolo. Mas, a partir do momento que tiver que ter algum tipo de protocolo, como isso não atrapalha a experiência, como isso pode ser trazido para o convívio do festival, ou o que essa estrutura ou essas mudanças impactam ou não impactam em custos altos para os produtores do festival, impactam em responsabilidade extra, uma responsabilidade relacionada à saúde, e como que isso também não impacta no preço dos ingressos, ou quanto impacta o preço dos ingressos. A gente aqui está muito animado para o festival do ano que vem. Se tudo der certo, a gente lança o festival no final desse ano, a venda de ingressos e data, e torcemos para que ele seja, realmente, cem por cento 'covid free'. É importante explicar que em um festival, assim como em um show muito grande de pista, você não tem como botar a capacidade reduzida, cada um no seu cercadinho, ou limitando os espaços que cada um pode andar, reservar a hora de ir ao banheiro. Então, para ele funcionar, tem que estar meio vida normal na cidade. E a gente sempre foi muito responsável e muito preocupado com nossos fãs e com nossos artistas. Então, por mais que possa ter alguma coisa acontecendo esse semestre, a gente não acredita que deveria ter sido feito não. Bem, enquanto a gente não pode se encontrar na pista ou no show, a gente faz aqui o convite de seguirem as nossas redes sociais, nosso Instagram, entrar no site. Fiquem ligados porque daqui a pouquinho vão ter boas notícias, boas novidades, e foi um prazer participar com vocês desse podcast. Lembrem de acessar queremos.com.br, a gente está sempre, ao longo da semana, colocando os lançamentos que mais chamaram a nossa atenção, músicas que a gente tem ouvido em casa ou no

escritório, filmes que a gente tem visto relacionados à música, notícias. Tem sido, realmente, muito bacana preencher esse site com conteúdos tão legais, e espero que vocês gostem também, Então, é isso. Fiquem bem!